

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Traços de colonialidade no ensino superior em música: uma revisão sistemática de literatura

Reinaldo Neves Dos Santos, Leandro Augusto Dos Reis

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16170>

Submetido em: 2026-05-25

Postado em: 2026-06-03 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o(s) endosso(s) de:

- Fabio Furlanete (ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6677-6755>)

TRAÇOS DE COLONIALIDADE NO ENSINO SUPERIOR EM MÚSICA: uma revisão sistemática de literatura

TRACES OF COLONIALITY IN HIGHER MUSIC EDUCATION: a systematic literature
review

Reinaldo Neves dos Santos¹  [<https://orcid.org/0009-0009-8216-0473>]

¹reinaldo_neves@hotmail.com

Leandro Augusto dos Reis²  [<https://orcid.org/0000-0002-2502-8902>]

²ars_leandro@uel.br

State University of Londrina, CECA - Department of Music and Theatre, Londrina, Paraná, Brazil

RESUMO: Este trabalho apresenta uma revisão sistemática da literatura sobre as colonialidades no ensino superior em música, com foco nas relações entre repertório, consciência crítica e processos de significação musical. A análise evidencia que os repertórios legitimados pelas instituições seguem majoritariamente matrizes eurocentradas, resultando na marginalização de práticas musicais populares, locais e não eurocentradas. A pesquisa baseou-se em buscas estruturadas em bases acadêmicas e em leitura analítica das publicações relacionadas ao tema. Os resultados apontam a persistência de epistemologias musicais hegemônicas, a reprodução de hierarquias coloniais e a dificuldade de inserção de perspectivas decoloniais nos currículos. Conclui-se que a literatura indica a necessidade de reconfiguração das práticas pedagógicas, de modo a promover diversidade estética, inclusão sociocultural e abordagens críticas que possam tensionar os epistemicídios musicais ainda presentes na formação superior em música no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Colonialidade, Educação musical problematizadora; Educação superior em música; Conscientização; Educação dialógica;

ABSTRACT: This article presents a systematic literature review on colonialities in higher music education, focusing on the relationships among repertoire, critical consciousness, and processes of musical meaning-making. The analysis shows that the repertoires legitimized within institutions remain predominantly Eurocentric, resulting in the marginalization of popular, local, and non-Western musical practices. The study was conducted through structured searches in academic databases and critical examination of selected publications. The findings indicate the persistence of hegemonic musical epistemologies, the reproduction of colonial hierarchies, and the limited incorporation of decolonial perspectives in music curricula. The review concludes that current literature points to the need for pedagogical reconfigurations that promote aesthetic diversity, sociocultural inclusion, and critical approaches capable of confronting the musical epistemicides still present in higher music education in Brazil.

KEYWORDS: Coloniality; Critic music education; Higher music education; Awareness; Dialogic education.

1. Introdução

Nesse trabalho, buscamos destacar a relevância e trazer ao palco os estudos decoloniais na educação musical. Nas últimas décadas, autores latino americanos como Quijano (2005), e Maldonado-Torres (2007) tem sido alguns dos exemplos de literatos latino americanos que se debruçam sobre a questão da raça e, portanto, da relação metrópole e colônia para explicar a realidade contemporânea do sul do mundo à luz da colonialidade. Para Quijano (2005), a América é o primeiro espaço/tempo a ter uma identidade de modernidade. Desse modo, a raça é o elemento fundacional, constitutivo das relações de dominação dos colonizadores e colonizados, é a invenção da ideia de uma situação natural de inferioridade de indivíduos

em relação uns aos outros, e é a classificação que legitima a inferioridade dos povos americanos (mas não só), bem como uma articulação das formas históricas de controle do trabalho, dos recursos e dos produtos, ao redor do capital e do mercado mundial.

Destarte, para pensarmos em cultura, em repertório e em educação musical no Brasil hoje, a questão da colonialidade e das linhas abissais proposta por Santos E Meneses (2009) é fundamental e atravessa múltiplas dimensões, que parecem mais latentes na última década, como a questão de raça e gênero, e passam ainda por diversas outras áreas como a sociologia e a estética além da educação. Dessa forma, nesse trabalho, temos por objetivo apresentar uma revisão sistemática de literatura a partir de bases consolidadas na comunidade científica, como o portal de periódicos da Capes e buscamos na literatura as intersecções entre colonialidade/decolonialidade, a educação musical problematizadora e o ensino superior de música, especialmente dos últimos 15 anos (entre 2010 e 2025). No entanto, parte do método utilizado também envolve buscas manuais por relação entre temas e autores, de forma que reunimos aqui pesquisadores que também fazem parte da bibliografia dos trabalhos uns dos outros e proximidade temática. Reunimos também, textos de bibliografias de disciplinas que conversam com o tema da pesquisa e que tem uma base epistemológica em comum, desenvolvidos no programa de pós graduação ou que acabaram emergindo durante o processo manual de pesquisa dos autores.

Nessa sequência, alguns autores e conceitos são centrais em nosso trabalho, como é a questão do *habitus* conservatorial e assim, ao atravessar a literatura a respeito do ensino musical e colonialidades, é de destaque o trabalho de Pereira (2013). Num prisma bordieusiano, o autor explica que o "sistema de disposições duráveis, o *habitus*, teria sido forjado ao longo da história do campo em questão" (p. 7). Para isso, ele analisa a constituição dos cursos de graduação em música como resultados de processos históricos, cumulativos e incorporados pelos sujeitos neles inseridos. Pereira (2013), citando Queiroz (2017) explica que mesmo os cursos de licenciatura em Música que incorporam perspectivas mais amplas de educação e música mantêm uma tendência similar aos bacharelados. Assim, existe o predomínio dos componentes curriculares com maior ênfase nos padrões estéticos da música erudita eurocidental, como traços de colonialidade (Queiroz, 2017).

Nesse sentido alguns autores também devem ser pilares de nossas discussões, como Paulo Freire (2018), especialmente a respeito da conscientização e à educação problematizadora, principalmente por meio da obra de Simões (2020), que sintetiza e traduz ideias Freirianas em música. Ainda na Educação musical, a Teoria do Significado Musical de Lucy Green (1997) nos é cara, com foco no significado social que atribuímos à música. Nesse contexto de análise crítica acerca dos padrões estabelecidos e a influência da colonialidade, é essencial entender como a música adquire significado também numa perspectiva histórica e sociológica, dentro e fora dos espaços formais de ensino. Assim, para pensar esses temas, apresentaremos a seguir a metodologia levantada para chegar aos resultados aqui apresentados.

2. Metodologia

A plataforma de periódicos da Capes foi o alicerce das buscas aqui levantadas, mas também foram usados o Google Scholar e o buscador clássico do Google por meio de *queries* otimizadas de busca. Além disso, foram usadas ferramentas auxiliares para a manutenção dos resultados levantados, como o gerenciador de referências *Mendeley*, o *Scholar-GPT* e o plugin do *Word Mendeley Cite*. Levantamos ainda algumas *queries* de busca que geraram diferentes resultados e, ao fazer a busca nos sistemas consolidados como o *Google*,

passamos diferentes combinações da *query* de busca usada e gerada em outros buscadores, repositórios e bibliotecas. Na busca por periódicos no portal da Capes, organizamos a *query* em diferentes combinações, sendo a primeira no período de 2012 a 2024, e combinamos diferentes termos da seguinte forma:

Quadro 1 – Organização dos termos de busca realizadas no Portal da Capes

Id	Escopo	Assunto	Operador booleano: Ou	Operador booleano: E	Tipo de material	Resultados
1	Periódicos	Repertório Musical	Assunto contem: "repertório de música"; Qualquer campo contém: música e repertório;	Assunto contém: Conscientização; Qualquer campo contém: processos de conscientização;	Todos os tipos	0
2	Buscar tudo	Colonialidade	Assunto contém: decolonialidade; Qualquer campo contém: música e repertório; Ou assunto contém: Educação musical problematizadora; Ou qualquer campo contém: Ensino superior de música;		Todos os tipos	38

Fonte: Os autores (2024).

No campo "Tipo de Material", deixamos marcado "Todos os tipos" em todas as buscas realizadas, o período é de 2010 a 2025, os filtros "acesso aberto" e "revisado por pares" estão ativos. O período escolhido se deu pelo surgimento da Lei n.º 11.769/2008, que instaura que o ensino de música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular (BRASIL, 2008), com prazo de três anos letivos para a adequação. Destarte, a *query* de busca literal que trouxe vinte e três resultados ficou: "topics:Colonialidade OR Decolonialidade OR música e repertório OR Educação musical problematizadora OR Ensino superior de música". A seguir, temos as *queries* usadas de forma literal na busca do Google apresentadas no quadro 2:

QUADRO 2 - Queries manuais usadas no buscador Google

Query 1	<i>("music repertoire" AND "awareness processes" AND "decoloniality" AND "music in higher education" OR "dialogical education" OR "conservatorial habitus") AND "dialogical music education")</i>
Query 2	<i>("Repertório musical" OR "repertório de música" OR "música e repertório" OR "Conscientização" OR "processos de conscientização") AND ("Traços de Colonialidades" OR "colonialidade" OR colonialidade OR decolonialidade OR epistemicídio) AND ("Ensino Superior em música" OR "música e ensino superior" OR "música no ensino superior" OR "educação dialógica" OR "habitus conservatorial") AND ("Educação musical libertadora" OR "educação musical dialógica" OR "educação musical emancipatória")</i>

Query 3 ("Repertório musical" OR "repertório de música" OR "música e repertório") AND ("Conscientização" OR "processos de conscientização") AND ("Colonialidade" OR "decolonialidade" OR "epistemicídio") AND ("Ensino Superior em música" OR "música no ensino superior" OR "educação dialógica" OR "habitus conservatorial") AND ("Educação musical libertadora" OR "educação musical dialógica" OR "educação musical emancipatória")

Fonte: Os autores (2024).

As buscas acima foram realizadas diretamente no *Google*, resultando em alguns trabalhos já encontrados em outras buscas manuais, ou em referências cruzadas entre os trabalhos já conhecidos e analisados em nosso texto. As *queries* um e dois foram refinadas com ajuda da ferramenta de inteligência artificial *Scholar-gpt*, resultando na *query 3* descrita no quadro 2. A busca com a *query 1* também foi executada diretamente na plataforma *Jstor* por meio do portal de periódicos da Capes, e não trouxe resultado válido, o que pode revelar o desinteresse do norte global no tema ou termos incoerentes. Outras combinações também foram experimentadas, mas como a quantidade de resultados no Google é muito massiva, uma seleção manual foi feita. Lançamos mão também de outras ferramentas de inteligência artificial para pesquisa acadêmica como o *Consensus.app*. Devemos ao longo do texto explicitar melhor os critérios de aceite dos trabalhos e as categorias levantadas.

A fim de refinar os resultados da busca, que pode trazer dados massivos especialmente por busca manual via *query*, estabelecemos alguns critérios de seleção. Os critérios de inclusão são: aderência ao tema, objetivos com alguma relação ao ensino de música e colonialidades. Outro critério de classificação é a relação com a formação em ensino superior de música, as palavras chave semelhantes ao nosso trabalho, e a inter-relação com autores que são autoridade nessas temáticas, ou seja, proximidade bibliográfica. É percebido que a própria estrutura de nossas buscas já descreve e contribui para os critérios de seleção, no entanto, a partir dos resultados brutos, se obedecidos os critérios acima descritos, realiza-se uma breve leitura especialmente do resumo, dos objetivos, e das conclusões. Assim, incorporamos ou não o trabalho à bibliografia aqui reunida. Fazemos uma breve ressalva sobre mal funcionamento no portal de periódicos, de modo que uma busca com resultados válidos pode por vezes aparecer com zero resultados, o que implica na insistência do pesquisador em recarregar a página e tentar novamente.

3. Resultados

Estabelecemos algumas categorias entre os trabalhos, a fim de agrupar estes por similaridade e facilitar o trabalho dos pesquisadores. Alguns textos podem pertencer a mais de uma categoria, conforme posto no quadro 3:

QUADRO 3 – Quadro síntese

ID	Trabalho	Categorias	Referência
1	A contribuição do repertório da Música Popular Brasileira e das Músicas Regionais como uma metodologia significativa e emancipatória na formação de Pedagogos	Formação em música	Reis e Junqueira (2017)
2	A presença da colonialidade na constituição de	Formação em música	Souza, Ramirez e

	grades curriculares dos cursos de graduação em música de instituições de ensino superior da América Latina e Caribe		Larsen (2020)
3	Colonialidade Nos Cursos De Graduação Em Música Popular No Brasil	Epistemologia, Formação em música	Dantas e Queiroz (2021)
4	Colonização Na Educação Musical? Uma Análise Do Ensino De Piano À Luz Da Colonialidade	Formação em música	Purcino e Purcino (2023)
5	Currículo do Curso de Música e a formação do Músico Popular: Um estado do conhecimento	Formação em música	De Lima e Silva (2021)
6	Desobediências Epistêmicas nas atividades extracurriculares do curso de Licenciatura Em Música da Universidade Estadual De Montes Claros: Relato de experiências a partir de opções decoloniais	Epistemologia, Licenciaturas em foco	Carmo e Oliveira (2022)
7	(De)Colonialidade E Formação Rítmica: Uma Análise Do Curso De Licenciatura Em Música Do IFPE – Campus Belo Jardim	Licenciaturas em foco	Bezerra (2021)
8	Ensino de História da Música no Brasil: Reflexões sobre a perpetuação de cânones e colonialidades na formação e atuação do educador musical	Licenciaturas em foco	Rocha e Silva (2022)
9	Estudos Decoloniais no curso de Licenciatura em Música da Universidade de Caxias do Sul	Licenciatura em foco	Tomazelli (2020)
10	<i>Habitus</i> conservatorial: do conceito a uma agenda de pesquisa	Formação em música, Licenciaturas em foco	Pereira (2013)
11	Licenciatura em Música: Mediações e contradições entre formação e prática docente	Licenciatura em foco, Formação em música	Sebben (2023)
12	Música como disrupção política e enlacs criminológicos: Da "Arte pela Arte" à Arte como instrumento de cidadania	Formação em música	Santos, Söhngen e Salvade (2022)
13	Possibilidades e desafios em Música e na formação musical: A proposta de um giro decolonial	Formação em música, Epistemologia	Pereira, (2018)

14	Traços de Colonialidade em narrativas de licenciandas em Música: Abordagens (auto)biográficas como ponte entre experiências de vida e formação	Formação em música, Licenciatura em foco	Cruz e Almeida (2023)
15	Traços de Colonialidade na educação superior em Música do Brasil: Análises a partir de uma trajetória de epistemicídios musicais e exclusões	Epistemologia, Formação em música	Queiroz (2017)
16	Um currículo para o cultivo do músico popular profissional: uma análise da proposta da Bituca– Universidade de Música Popular	Formação em música	Pereira e Barbosa (2025)
17	Diversidade musical e formação de professores (as): qual música forma o (a) professor (a) de música?	Licenciaturas em foco	Santiago e Ivenicki (2017)
18	Pensamento Crítico na Formação de Professores de Música: andragogia mobilizada pelos cantos de tradição oral	Epistemologia	Da Costa Cuervo e Rigo (2023)
19	Habitus conservatorial entre jovens professores de música no Paraná	Epistemologia, Formação em música	Bueno e Bueno (2023)

Fonte: Os autores (2025)

Ao observar trabalhos publicados em língua inglesa relacionados ao tema do ensino musical e decolonialidade, pode se revelar a escassez de literatura, em especial talvez pela própria concentração da produção escrita nessa língua no norte global, acima das linhas abissais de Santos e Meneses (2009). Dessa forma, entendemos que pode não fazer sentido os pesquisadores dos países das metrópoles escreverem sobre a relação música e decolonialidade, por que simplesmente não é uma questão no norte global dominante e hegemônico. Tal fato pode escancarar choques epistemológicos entre diferentes teorias do poder entre norte e sul global.

Assim, buscamos separar os resultados em três categorias, sendo elas a formação em música, reunindo trabalhos que, de um modo geral abordam a questão da formação musical de estudantes em contextos amplos, como cursos específicos de música popular, bacharéis ou mesmo licenciaturas. Já na categoria licenciatura em foco, estão reunidos os trabalhos que se esforçam em cercar a temática da decolonialidade especialmente em licenciaturas em música. E por fim, a categoria epistemologia reúne trabalhos que focam em debater a construção do conhecimento musical atento para suas características profundamente coloniais. Alguns dos trabalhos, como mencionado podem pertencer a mais de uma categoria. No quadro 4, demonstramos brevemente os detalhes quanto a objetivo, metodologia e resultados de cada estudo.

QUADRO 4 – Quadro síntese detalhado

ID	Trabalho	Objetivos	Metodologia	Contexto	Principais Resultados
7	Bezerra (2021)	Analisar a formação rítmica no curso de Licenciatura em Música do IFPE, sob a ótica da colonialidade e decolonialidade	Revisão documental e análise de currículo e entrevistas com a comunidade acadêmica	IFPE, curso de Licenciatura em Música	Identificou a predominância de práticas musicais eurocêntricas e propôs alternativas pedagógicas decoloniais que valorizem ritmos locais à margem do modelo conservatorial
19	Bueno e Bueno (2024)	Analisar o conceito de <i>habitus</i> conservatorial entre jovens professores de música no Paraná, buscando compreender de que forma este influencia suas práticas pedagógicas e concepções de ensino.	Estudo de caso com abordagem qualitativa; Análise estatística descritiva, Análise de correspondências múltiplas, análise de clusters; Entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo à luz do referencial de Bourdieu sobre <i>habitus</i> , senso prático e capital cultural.	Professores de música egressos de cursos de Licenciatura e Bacharelado em Música no estado do Paraná.	O estudo confirma a persistência de um <i>habitus</i> conservatorial internalizado nos jovens docentes, manifestado na valorização da técnica, da performance e do repertório eurocêntrico. Indica, contudo, indícios de ruptura geracional, com abertura a práticas musicais comunitárias e decoloniais.
6	Carmo e Oliveira (2022)	Refletir e relatar experiências de desobediência epistêmica em atividades extracurriculares de música	Relato de experiências	Universidade Estadual de Montes Claros	Evidenciaram os impactos das opções decoloniais como formas de resistir à lógica dominante nos currículos de música e a necessidade da inclusão nos currículos
14	Cruz e Almeida (2023)	Explorar narrativas de licenciandas em música sobre colonialidade na formação Apresentar dados parciais sobre a influência de ambientes institucionalizados e não institucionalizados	Pesquisa (auto)biográfica – Análise do discurso	UFRR	Destacaram a importância das experiências de vida na formação musical e a necessidade de práticas pedagógicas contra hegemônicas e dialógicas
18	Da Costa Cuervo e Rigo (2023)	Investigar o desenvolvimento do pensamento crítico na formação de professores de música a partir da mobilização andragógica dos cantos de tradição oral como estratégia formativa.	Pesquisa qualitativa com abordagem andragógica e estudo de caso; análise interpretativa de experiências formativas e práticas pedagógicas com base em tradições orais.	Formação continuada e inicial de professores de música, com foco na integração entre educação musical e práticas comunitárias de tradição oral.	Constatou-se que a incorporação de cantos tradicionais fortalece o pensamento crítico e a autonomia pedagógica, promovendo aprendizagens contextualizadas e emancipadoras. O estudo propõe a andragogia musical como via para uma prática docente crítica e culturalmente situada.
3	Dantas e Queiroz (2021)	Compreender bases epistemológicas e práxis formativas que subsidiam propostas pedagógicas dos cursos de graduação em música do Brasil	Análise documental e crítica	Cursos superiores de música popular no Brasil	Apontaram que a mera adição de novos repertórios não altera a estrutura colonialista dos cursos de música
5	De Lima e Silva (2021)	Investigar a formação do músico popular e o currículo dos cursos de música no	Levantamento bibliográfico de teses e dissertações – BDTD	Ensino superior brasileiro – Licenciaturas e Bacharelados de Música	Destacou a predominância de tendências conservatoriais, a escassez de pesquisas e a maior

		ensino superior, buscando identificar as tendências curriculares e pedagógicas predominantes, bem como a escassez de pesquisas sobre o tema.	(Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações)	– Formação acadêmica e não acadêmica	necessidade de investigação sobre a formação
16	Pereira e Barbosa (2024)	Revelar a lógica da proposta curricular da Bituca – Universidade de Música Popular, buscando compreender de que modo ela propicia o cultivo do músico popular profissional a partir de uma lógica da recontextualização	Pesquisa qualitativa e análise documental do projeto pedagógico da Bituca, com uso de entrevistas semiestruturadas, processo de codificação e busca por regularidades e padrões, identificação temática	Curso técnico-profissionalizante de Música Popular – Bituca (Barbacena–MG), instituição de referência nacional na formação de músicos populares.	O estudo revela um currículo que rompe parcialmente com o modelo conservatorial, enfatizando a prática coletiva, a escuta, a criação e a oralidade como dimensões formativas. Destaca o diálogo entre saberes musicais acadêmicos e populares, propondo um modelo formativo plural, contextualizado e orientado pela prática musical viva.
13	Pereira (2018)	Explorar desafios e possibilidades de uma formação musical decolonial, a partir da proposta de um giro decolonial na tentativa de romper com a hegemonia do conservatório na educação musical	Revisão teórica e análise crítica	Formação musical no Brasil – Cursos técnicos e superiores	Propôs a desnaturalização da tradição musical erudita como caminho único de formação. Sugere o giro decolonial para valorizar outras práticas musicais
10	Pereira (2013)	Estudar o conceito de <i>habitus</i> conservatorial na formação musical Investigar o conceito de " <i>habitus</i> conservatorial" e sua influência na formação de músicos.	Revisão teórica com base em Bordieu, análise de projetos pedagógicos de quatro cursos de música	Formação musical no Brasil, Licenciaturas	Identificou que a estrutura curricular reforça a música erudita eurocêntrica, mantendo padrões históricos de dominação mesmo após reformas
4	Purcino e Purcino (2023)	Analisar a atual conjuntura da colonialidade no ensino de piano	Análise crítica de práticas pedagógicas em diversos contextos, públicos e privados, questionário	Ensino de piano no Brasil – aulas particulares, conservatórios, cursos superiores	Propuseram a inclusão de práticas decoloniais, como improvisação e composição, a valorização da criatividade e do contexto do aluno
15	Queiroz (2017)	Analisar a trajetória de exclusões e epistemicídios na institucionalização dos cursos de música no Brasil	Pesquisa qualitativa, análise bibliográfica e documental, revisão crítica de literatura	Cursos de música no Brasil	Destacou a marginalização das expressões musicais locais em detrimento de repertórios eurocêtricos nos currículos, revelou a necessidade de contextualização dos currículos com o mundo atual
1	Reis e Junqueira (2017)	Analisar a contribuição do repertório da MPB e músicas regionais na formação de pedagogos e promover a música como linguagem na formação de professores	Revisão de literatura, atividades de extensão, Pesquisa empírica, análise de repertórios	Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás – UEG	Argumentaram que o repertório de MPB e músicas regionais pode ser uma metodologia emancipatória, rompendo com a hegemonia eurocêntrica

2	Souza, Ramirez e Larsen (2020)	Examinar a colonialidade nas grades curriculares de cursos de música na América Latina e Caribe e Evidenciar a presença da colonialidade	Análise documental de currículos e grades	Instituições públicas de ensino superior da América Latina e Caribe (Argentina, Chile, Colômbia, Peru, México, Venezuela, Uruguai, Costa Rica e Equador)	Identificaram a predominância de repertórios eurocêntricos e a marginalização de práticas musicais locais e indígenas, a perpetuação da colonialidade
8	Rocha e Silva (2022)	Identificar relações e refletir sobre a perpetuação de cânones e colonialidades no ensino de História da Música no Brasil	Revisão crítica de 70 projetos político-pedagógicos, revisão bibliográfica, entrevistas	Licenciatura em Música de IES públicas	Evidenciaram a influência de repertórios eurocêntricos na formação de educadores musicais, ignorando outras tradições e diversidades musicais como a brasileira
11	Sebben (2023)	Explorar as contradições entre a formação e a prática docente na licenciatura em música	Revisão crítica de literatura, questionário de perguntas abertas – 40 egressos de licenciatura	4 cursos de Licenciatura em Música de instituições públicas de Ensino Superior do Estado do Paraná	Apontou como o repertório conservatorial pode reforçar visões tecnicistas e conservadoras da prática docente, revelou a contradição entre conhecimento elaborado e senso comum
17	Santiago e Ivenicki (2017)	Discutir de que forma a diversidade musical contribui para a formação de professores(as) de música, problematizando a hegemonia de repertórios e epistemologias eurocentradas na formação docente.	Pesquisa bibliográfica e análise crítica de documentos e referenciais teóricos sobre diversidade, interculturalidade e formação musical docente.	Cursos de Licenciatura em Música no Brasil e contexto da formação de professores(as) de música.	O trabalho evidencia que, embora a legislação e os discursos pedagógicos defendam a diversidade musical, a prática formativa ainda privilegia repertórios eruditos e práticas eurocêntricas. Propõe uma educação musical intercultural, decolonial e dialógica que considere a pluralidade cultural brasileira.
12	Santos, Söhngen e Salvade (2022)	Evidenciar a música como instrumento de disrupção social e política através de um viés decolonial	Qualitativa, Análise crítica, Revisão bibliográfica, História de vida	Práticas musicais do Brasil	Discutiram a arte musical como um meio de resistência e promoção da cidadania
9	Tomazelli (2020)	Analisar os estudos e iniciativas decoloniais no curso de Licenciatura em Música da UCS, bem como a percepção do tema pelos alunos	Qualitativa, Análise documental, revisão bibliográfica, questionário	Curso de Licenciatura em Música na UCS	Destacou que embora haja iniciativas decoloniais por parte dos professores, nem sempre são percebidas pelos alunos. Ressaltou ainda a importância de inserir epistemologias e saberes contra hegemônicos na universidade

Fonte: Os autores (2025).

De uma forma geral, ao levantar os resultados, percebe-se, ainda em pouco número, movimentos importantes na direção de uma prática musical mais decolonial. É notória ainda a preocupação dos pesquisadores com a questão da hegemonia eurocêntrica especialmente nos cursos de licenciatura em música. Nessa direção, o trabalho de Tomazelli (2020) é mais uma das análises de licenciaturas que evidenciam as feridas coloniais sobre a práxis e a episteme musical nos cursos, reforçando a importância desse tipo de esforço. A pesquisa representa ainda uma das poucas iniciativas voltadas para os estudos decoloniais no sul e sudeste do país, regiões que parecem historicamente mais impregnadas da idolatria eurocentrista.

É percebido, no entanto, que nem sempre o tema repertório é discutido, e por isso é fundamental a provocação de quais repertórios têm sido legitimados por professores de música, especialmente no ensino superior. Ainda que vários trabalhos discutam a questão epistemológica ou metodológica dos traços coloniais nos cursos em foco, o repertório é a concretude musical, um produto musical, é a manifestação encarnada estética e poética da branquitude eurocêntrica. Ele é, portanto, palpável ainda que etéreo e pode ser na práxis do repertório que se produz e reproduz a violência simbólica. Nessa direção, Reis e Junqueira (2017) debatem sobre a contribuição do repertório da música popular brasileira para a formação de pedagogos, e reconhecem a crescente demanda sobre o tema. Para eles ainda, a curiosidade epistêmica é fundamental, ao passo que o lugar comum é o repertório eurocentrado.

Assim, Quijano (2007) e Mignolo (2011) desenham o termo colonialidade e este é central para o trabalho de Dantas e Queiroz (2021) bem como é também importante para nosso trabalho. Entende-se por colonialidade, a persistência de uma lógica de dominação cultural e epistêmica que sobrevive ao colonialismo formal ou institucionalizado. Tal conceito é crucial para a análise profunda do cenário da educação musical Brasileira hoje, já que o Brasil é um país periférico, do sul global. No contexto musical portanto, a colonialidade está manifestada na hegemonia da música erudita eurocidental dentro dos currículos de formação musical. Os autores (Dantas e Queiroz, 2021) argumentam que esta hegemonia está enraizada desde início da institucionalização do ensino de música no Brasil, por volta da década de 1840.

Dantas e Queiroz (2021) investigam se há de fato uma reinvenção nos cursos superiores, ou se apenas foram adicionados novos repertórios da música popular brasileira, mantendo epistemologias e práxis colonialistas. Para nós, esse ponto do trabalho é especialmente caro, porque nosso foco de discussão é o repertório. Os pesquisadores, no entanto, entendem que talvez a mera adição de novos repertórios, como os da música popular, em estruturas ainda colonialistas de ensino apenas produz uma forma de ensino em que se usa de músicas novas em formas velhas. Assim, essa mera adição de repertórios não parece ser suficiente. Mesmo assim, Purcino e Purcino (2023), ao analisarem o ensino de piano à luz da decolonialidade defendem não só a inclusão do repertório popular brasileiro, mas de formas de se relacionar com a práxis musical frequentemente ligadas ao repertório popular (mas não exclusivamente), como a improvisação e a própria composição.

É interessante refletirmos aqui sobre o papel do piano na colonialidade, já que ele pode ser talvez uma forte representação materializada da musicalidade da sociedade europeia, e está intimamente ligado a disciplinas como harmonia, contraponto, regência, coral, enfim, a própria organização do material musical e a afinação e temperamento dos sons aos moldes do repertório e das formas de ser e estar europeias.

Assim como outros autores aqui citados, entendemos que de fato é impossível se livrar do repertório europeu e também não cabe a nós propor a exclusão deste de qualquer espaço, até porque, dos resquícios dos processos de dominação das américas, acreditamos que a cultura musical, embora impregnada de violência simbólica, parece ser de longe a menos violenta das heranças da formação do nosso povo. Ou seja, o repertório europeu é constituinte da nossa formação, faz parte da linguagem do violão brasileiro polifônico, da canção brasileira que atravessa todo o século XX, do pensamento e organização harmônica do Choro, do Samba, enfim, apenas para citar alguns exemplos.

Entretanto, enquanto para vários autores, o repertório mais diverso pode ser apontado como solução para a dominação eurocêntrica na educação musical Brasileira, Sebben (2023) denuncia o repertório também

como uma possível origem das percepções conservadoras a respeito do que é a prática docente. O autor (Sebben, 2023) aponta o repertório da práxis do conservatório como responsável possível para essas percepções, que podem levar a uma valorização excessiva do conhecimento técnico em detrimento de uma formação mais ampla, dialógica e crítica. A racionalidade utilitarista atua como meio de fortalecimento de uma dualidade pedagógica que delega às classes sociais e nações periféricas "[...] um aparato pedagógico - eminentemente tecnicista, operacional e profissionalizante" (Santos, 2002, p. 2), enquanto promove às classes e nações privilegiadas uma educação humanista, que objetiva a conservação de suas condições (Sebben, p.17, 2023).

Ainda sobre a questão da formação, Bezerra (2021) entende que os cursos de formação musical do Brasil continuam fortemente influenciados por um modelo de ensino conservatorial, que valoriza principalmente a música erudita da sociedade eurocristã monoteísta (Santos, 2023, p.21), assim como reconhecem também essa mazela os literatos Queiroz (2017), e Pereira (2013). Nesse sentido, o trabalho de Bezerra (2021) nos é caro pois pode ajudar a cercar a questão da colonialidade no repertório pelo prisma do ritmo, já que é totalmente aderente às nossas discussões, visto que a diversidade rítmica que existe nos diversos estados do Brasil, é sistematicamente ignorada ou muito pouco abordada, revelando um exemplo concreto dos epistemicídios musicais dos quais tratam Queiroz (2017).

Bezerra (2021) acrescenta ainda em nossa produção já que proporciona a incorporação da discussão sobre colonialidade e decolonialidade no elemento rítmico, que, como apontado pelo autor, assume diferentes papéis e funções em diferentes sociedades. Enquanto na práxis musical eurocristã hegemônica especialmente dos séculos XVI ao XIX podemos nos provocar se ritmo não se reduz a mero suporte para a obsessão melódica e harmônica, na prática musical de outros lugares como a Índia, a África ou o Oriente médio, o ritmo pode se assumir como elemento protagonista. Apesar da generalização quanto às localidades citadas, o contraste aqui serve para reforçar Bezerra (2021) e ilustrar que um mesmo elemento musical não se comporta e nem é utilizado da mesma forma. Como pesquisadores e professores de música, tal fato não pode ser ignorado ao analisar o Brasil musical em suas dimensões continentais com enorme miscigenação, complexidade e nuances em repertórios tão diversos.

Ainda nessa direção, o dossiê intitulado "Música enquanto prática decolonial" dessa edição da revista PROA (Cohon; Sanchez; Del Pino, 2020), abraça uma variedade de trabalhos de pesquisadoras e pesquisadores de diferentes áreas disciplinares, focados em contextos onde as práticas musicais revelam aspectos decoloniais ou onde a lógica colonial impede tal processo. O desenvolvimento do dossiê foi amplamente influenciado pelo projeto de investigação do grupo Modernidade/Colonialidade, que propõe alternativas contra hegemônicas que promovem a resistência e a desobediência epistêmica. Formado por intelectuais e pensadores latino-americanos, esse grupo defende a ideia de que a colonialidade é constitutiva da modernidade, e não um subproduto dela. Apoiados na resistência epistêmica promovida por esse grupo, o projeto decolonial busca recuperar cosmovisões, sejam elas ameríndias ou afro-diaspóricas, que foram apagadas ou deslegitimadas pelas diversas formas de imperialismo e suas imposições epistêmicas. A partir das formulações desse grupo, muitos dos trabalhos deste dossiê encontram sustentação, e identificam colonialidades nas práticas sociais para propor alternativas decoloniais possíveis (Cohon; Sanchez; Del Pino, 2020).

A edição em questão da revista PROA se coloca como uma publicação valiosíssima para quem quer se aproximar da literatura a respeito de música e decolonialidade, colocando autores de referência nos

trabalhos apresentados. A contribuição significativa da área contrasta com a hegemonia colonial que vem aos poucos sendo contestada e tendo a discussão fomentada, possibilitando a provocação e aos poucos criando fissuras nessa hegemonia. Desse modo, a edição serve não só para reunir uma literatura, mas para se construir uma comunidade científica em torno do tema, promovendo a diversidade e a desobediência epistemológica.

Gostaríamos de ressaltar que todos os trabalhos da edição parecem de muito valor para os pesquisadores em estudos decoloniais musicais, mas destacamos aqui o trabalho de Souza, Ramirez e Larsen (2020) que lançam um olhar especial sobre a América latina e Caribe. As autoras observaram 45 cursos superiores de música na América Latina e Caribe e revelam a dominância da abordagem que naturaliza o saber musical europeu, com destaque para a marginalização histórica de outros fazeres musicais que não hegemônicos, especialmente latino americanos e indígenas, indo ao encontro de todas as produções Brasileiras aqui levantadas sobre o tema. Assim, como mencionado, não só o trabalho das autoras, mas a edição toda da revista em questão pode nos revelar uma necessidade e uma oportunidade das discussões brasileiras se somarem às problemáticas musicais e os desafios do ensino musical latino americanos, posto que, salvo as especificidades regionais, os problemas são basicamente os mesmos.

Nesse sentido, o trabalho de Cruz e Almeida (2023) é de grande valia, pois usa da metodologia de narrativas autobiográficas, ou seja, as pesquisadoras resolvem ouvir as estudantes, tomada de decisão que parece ser determinante para uma educação mais dialógica. Em resumo, esse é mais um trabalho que destaca a necessidade de uma conscientização e maior valorização das experiências musicais diversas com foco na licenciatura, propondo que a formação docente na música deveria incluir práticas e saberes contra hegemônicos, ou seja, periféricos, distantes da Metrópole. Assim, pode-se debater a promoção de uma educação musical mais inclusiva e representativa da realidade concreta e multicultural Brasileira, a partir da dimensão humana objetiva das vivências discentes e do estabelecimento de pontes entre docentes e estudantes, conforme revelado pelas autoras ao olhar para o caso da UFRR.

Ainda pensando em vivências e narrativas autobiográficas, em diálogo com esse tema, podemos pensar o trabalho de Marques e Fonseca (2020) que entendem o racismo como maléfico para a população negra, em especial quando há uma intersecção com gênero, resultando em mulheres negras que tem vidas condicionadas por tais fatores. Dessa forma, se constrói assim o um espaço geográfico que estabelece territórios de forma distinta dos outros grupos sociais. O tema do trabalho de Marques e Fonseca (2020) dialoga com a ideia de Santos, Söhngen e Salvade (2022) no que tange a problematização das transas entre música e política, ou seja, o fazer musical como uma disrupção social e política, para além da arte pela arte.

Há, portanto, uma relação entre mulher negra, racismo, gênero, território e Hip Hop que atravessa todo o trabalho de Marques e Fonseca (2020), que, objetivando investigar os territórios das mulheres negras no rap por meio de batalhas de rima, realizou um estudo de campo em seis locais de batalhas na cidade de Londrina – PR e observou a realidade vivenciada por mulheres negras. Por meio de entrevistas, essas mulheres responderam um roteiro semiestruturado e os principais resultados destacam que aos poucos, as mulheres negras estão criando territórios, em um processo lento, com espaços escassos e predominantemente masculinos. Dado todo o contexto colonialista levantado aqui, é inevitável não destacar como o ensino superior em música Brasileiro ignora amplamente manifestações culturais contemporâneas e da dimensão pop da música, como é a cultura Hip Hop, que atravessa e transcende a mera nomenclatura de gênero musical ou dos materiais musicais.

Nessa direção, podemos nos provocar a respeito do papel da disciplina de História da música na formação de professores, e da estrutura curricular dessa disciplina em relação por exemplo ao próprio Hip Hop, abordado no trabalho de Marques e Fonseca (2020). Para tais provocações, nos apoiamos em Rocha e Silva (2022) que sublinham a relação intrínseca entre a disciplina de História da Música e as colonialidades. Em geral, o que se chama de "História da música" é na verdade um conjunto de literatura e conteúdos que traçam um panorama musical que pode ir do Barroco à música de concerto contemporânea, todas manifestações eurocidentais que ignoram e marginalizam práticas e celebrações musicais do resto do mundo. Assim, os autores argumentam que a disciplina permanece enraizada num modelo canônico hegemônico e impregnado de colonialidade, que não pode e não se pretende a atender às necessidades e vivências musicais contemporâneas dos estudantes.

Queiroz (2017) e Pereira (2013) se destacam como pesquisadores frequentemente citados quando o assunto é colonialidade e educação musical. O primeiro trata por exemplo dos epistemicídios musicais, enquanto o segundo traz o conceito de *habitus* conservatorial à luz de Bordieu (2009). Ainda no contexto do autor, além do *habitus*, outros conceitos são fundamentais para abordarmos a literatura e a temática da decolonialidade em Música como a violência simbólica, a doxa colonial e o capital cultural.

A ideia de *habitus* conservatorial explica o fenômeno observado na distribuição do conhecimento musical disciplinar a partir de Bordieu (2009), ou seja, a disposição incorporada da própria colonialidade musical e daquilo que é considerado capital cultural. Enquanto Pereira (2013) explica como acontece a naturalização da tradição musical europeia erudita como único caminho possível para formar músicos profissionais institucionalmente, Queiroz (2017) explica que mesmo os cursos de licenciatura em Música que incorporam perspectivas mais amplas de educação e música mantém uma tendência similar aos bacharelados. Existe o predomínio dos componentes curriculares com maior ênfase nos padrões estéticos da música eurocidental ou do que Santos (2023, p.21) chama de sociedade eurocristã monoteísta.

O poder concentrado nas mãos do professor – apesar da distribuição dos conteúdos do programa se dar de acordo com o desenvolvimento individual do aluno, quem decide sobre este desenvolvimento individual é o professor; a música erudita ocidental como conhecimento oficial; a supremacia absoluta da música notada – abstração musical; a primazia da performance (prática instrumental/vocal); o desenvolvimento técnico voltado para o domínio instrumental/vocal com vistas ao virtuosismo; a subordinação das matérias teóricas em função da prática; o forte caráter seletivo dos estudantes, baseado no dogma do "talento inato" (Pereira, 2013, p.5).

Nessa linha, incluindo oficinas, eventos científicos e projetos de extensão, Carmo e Oliveira (2022) pensam atividades que dialogam com as realidades culturais e sociais que transcendem os muros da universidade. Frequentemente, quando pensamos os três pilares da educação superior pública: ensino, pesquisa e extensão, o terceiro é negligenciado, visto como menor, ou pouco desenvolvido, reforçando abismos entre universidade pública e sociedade. Novamente, o conceito de decolonialidade é apresentado como uma alternativa contra hegemônica que busca subverter a matriz de poder imposta pela modernidade. No entanto, o trabalho de Carmo e Oliveira (2022) traz à luz a questão da extensão universitária, sobre o prisma da desobediência epistêmica como alternativa de fissura para a colonialidade na educação musical.

Outro autor elementar para nosso trabalho e para a área é Simões (2020). Doutor em Música e professor de arte na educação básica, já traduziu obras de Green (2012), e em seu livro *Musicalidade Crítica*:

Fundamentos para uma educação musical pautada na pedagogia crítica de Paulo Freire, o autor traz valiosas associações entre a educação libertadora de Freire (2018) e as intersecções desse conceito com a aprendizagem musical. O texto é dividido em duas partes, sendo a primeira teórica, debatendo pedagogia crítica, enquanto a segunda parte é empírica, em que se apresenta os resultados de uma pesquisa feita com vinte e oito alunos. Simões (2020), ao conectar Paulo Freire e a teoria do significado musical de Lucy Green, enfatiza a importância da cultura popular nos processos de aprendizagem, indo assim ao encontro da literatura que levantamos até aqui.

Ao trazer por exemplo a questão da educação bancária de Freire (2018), o autor abre um campo semântico para entendermos o ensino musical a partir do trabalho do patrono da educação Brasileira. Nesse sentido, uma educação musical Bancária, que se caracteriza pelo aluno passivo e o controle autoritário do professor é uma tônica (Simões, 2020). Ou seja, o aluno nesse caso não é sujeito, mas mero objeto, assim como numa educação tradicionalmente conservatorial. A obra de Simões é publicada em um momento marcado por crises de ordem social, política e sanitária no Brasil e fora dele. Desse modo, no jogo de forças antagônicas vividas no atual momento de nosso país, que, por um lado, possui um grupo de defensores de demandas libertárias e, por outro, uma retomada extrema de pensamentos e ações conservadoras e reacionárias, várias questões foram suscitadas (Reis; Almeida, 2022).

A obra de Simões (2020) traz ao palco da discussão três modalidades de educação musical, sendo a formal, a não formal e a informal. Escolas de música, conservatórios, instituições de ensino superior, etc, isto tudo abarca a educação formal, gerando certificações oficializadas. A educação musical não formal pelo contrário não precisa de certificação alguma, tampouco obedece a um currículo unificado e linear, ela acontece em grupos comunitários, associações e organizações governamentais, cursos livres de música, enfim. O conceito talvez mais valioso para nós é o de conscientização, e ele é fundamental pois une as ideias de Lucy Green ao que propôs Paulo Freire (2018). Falamos, portanto, desse processo de criticização de relações consciência-mundo diante da realidade e do contexto histórico-social, mas propomos essa postura para a música. É o processo de conscientização que leva o indivíduo a mudar a própria realidade, seus comportamentos e condutas.

Há outros conceitos importantes para entender a obra de Simões (2020) por meio de Freire (2018), sendo eles as situações-limite, atos-limite e inédito viável. Sem pensamento crítico, os indivíduos não são capazes de interpretar o mundo e visualizar oportunidades de superação ou atos-limite. Tal condição é definida por Freire (2018) como situação-limite. O avanço da consciência crítica e libertadora permitiria desse modo compreender o mundo em que vive e torna-se capaz de propor ações práticas para interferir na realidade, ou seja, o inédito viável. O esforço consciente e esperançoso que possibilita esperar por dias melhores, a força motriz que impulsiona a mudança.

Como destacamos, as ideias presentes na obra de Simões (2020) são urgentes e necessárias e vão ao encontro da educação musical decolonial que propomos, já que problematizam os contextos escolares e seus processos pedagógicos, especialmente no ensino superior, que forma educadores. Destarte, são nas transas entre ensino, produção, aprendizagem e consumo de música que podemos pensar a atuação do professor de música na contemporaneidade. Enquanto a celebração musical, a conscientização e a Musicalidade crítica são conceitos que nos parecem fundamentais nos ambientes escolares, no nível mais básico ao superior para todos os atores envolvidos.

3. Conclusões

É ingênuo imaginar que a discussão da colonialidade e do ensino musical se restrinja aos trabalhos aqui levantados, não obstante, nosso objetivo de estabelecer um panorama geral das produções acerca dessas temáticas parece ter sido alcançado. Percebemos que há uma infinidade de maneiras de se aproximar do problema, pelo viés epistêmico, pela rítmica, pela autobiografia, por análises documentais, pelas aproximações com uma assim chamada música popular, pelo atravessamento entre direito, ciências sociais e arte, pela crítica aos métodos, ou ainda pelo repertório, como estamos propondo. Por isso, novamente: é fundamental se perguntar quais repertórios têm sido legitimados por professores de música no ensino superior do Brasil.

A partir daqui, é possível criar um ponto de partida para expandir tais discussões, na esperança de causar fissuras na hegemonia política, epistemológica e estética dos fazeres musicais da sociedade eurocristã monoteísta como bem nomeia Nego Bispo. Ao longo dos apontamentos aqui destacados, fica evidente a presença dominante de práticas musicais e repertórios eurocêntricos nas instituições de ensino superior do Brasil, refletindo uma colonialidade enraizada e que marginaliza tradições musicais locais, orais e populares. Nossa análise de literatura revela uma resistência significativa à inclusão de repertórios decoloniais e o predomínio de metodologias que não valorizam a pluralidade de fazeres musicais. Assim, o que movimenta o esforço desse trabalho é a denúncia desse cenário, que não é fácil, já que o próprio território do que é canônico e considerado capital cultural foi dominado pela práxis da música eurocidental, ou seja, a ideia em si do que é clássico e o conhecimento musical valorado foram colonizados.

Assim sendo, são muitos os desafios, e outras questões fatalmente podem ser suscitadas. Se há um domínio político do território musical e do capital cultural musical, a lenta e burocrática produção científica e as fissuras que propomos aqui devem ser suficientes para começar a romper como esse jogo de poder? Jogo que envolve não só dominações epistêmicas, mas domínio político também por pessoas e instituições? A troca ou expansão do repertório, como já discutida aqui pode ser suficiente pra oportunizar essas fissuras? Ainda, se a proposta é o ensino pelo prisma do repertório, quais outros repertórios podem substituir ou serem adicionados àqueles da práxis da sociedade eurocidental, se outros repertórios potenciais não são constituintes da nossa formação musical e não fazem parte em geral do aparato de conhecimento dos professores? Seriam essas questões que só a ciência conseguiria elucidar, ou é um caminho que passa invariavelmente pela produção artística e criativa, que na maioria das vezes não passa de fato pela academia e até mesmo pode ser antagônica ao ambiente acadêmico?

Ainda que com diversas questões que invariavelmente podem e devem ser levantadas, avaliamos que o presente estudo conseguiu o objetivo de levantar bases literárias para identificar os traços de colonialidade no ensino musical em especial do Brasil, e ao fazer isso, fornecemos literatura para futuras pesquisas e práticas pedagógicas contra hegemônicas. Destacamos aqui que talvez o mero acréscimo do repertório não seja suficiente, sendo necessário uma transformação que passe pela revisão de conteúdos e práticas musicais que desconstruam a hegemonia e a hierarquização de valores musicais.

A incorporação de práticas decoloniais que vão além da escolha do repertório deve incluir uma abordagem crítica à forma como o conhecimento é transmitido. Talvez seja precisa voltar a Freire para repensar a educação musical aliada aos seus ensinamentos, uma educação mais dialógica que valorize corpos, existências, vivências e celebrações musicais marginalizadas em diversos níveis. Entendemos a complexidade

desse processo que exige uma reavaliação estrutural profunda das instituições, envolvendo não apenas os professores, mas também os gestores acadêmicos e os próprios alunos.

Por se tratar de um processo ambicioso e complexo, é natural que este enfrente resistências, no entanto, mas essas resistências reforçam a existência desse trabalho. Tais resistências podem ser culturais e institucionais como levantadas na literatura aqui destacada, afinal, estamos denunciando práticas ligadas à arquitetura do que se entende como civilização na "modernidade" e da constituição do que está estabelecido por educação musical na América latina e Brasil. Esse assunto atravessa o material musical, e toca o que entendemos por valores morais, estética, moda, produção e consumo musical, institucionalização do ensino musical.

Por isso nossa proposta não é assim tão ambiciosa, mas apenas sugere criar fissuras por meio da produção científica e literária, talvez artística, a fim de pavimentar um chão epistemológico para o inédito viável que oportuniza o giro decolonial e a possível concretização dessas fissuras. Esperamos que o trabalho possa assim contribuir para as discussões aqui levantadas bem como germinar diversas outras produções e ações, fortalecendo o campo em questão, principalmente esperando gerar mudanças concretas no ensino musical Brasileiro, rumo a uma práxis mais conectada com a realidade plural e ao mesmo tempo regional em que vivemos.

Contribuição de autoria

Reinaldo Neves dos Santos: Conceituação; Curadoria de dados; Análise formal; Investigação; Metodologia; Administração do projeto; Recursos; Software; Supervisão; Validação; Visualização; Escrita – rascunho original; Escrita – revisão e edição.

Leandro Augusto dos Reis: Conceituação; Análise formal; Metodologia; Supervisão; Escrita – revisão e edição.

Conflito de interesses

Os autores declaram que não há conflito de interesses.

Disponibilidade de dados de pesquisa

Os dados que suportam os resultados deste estudo são derivados de fontes públicas disponíveis, conforme citado nas referências bibliográficas. Todo o conjunto de dados analisado está disponível no manuscrito.

3. Referências

BEZERRA, Wesley Simão. (De)Colonialidade e formação rítmica: uma análise do Curso de Licenciatura em Música do IFPE. 2021. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/40371>. Acesso em: 25 set. 2024.

BOURDIEU, Pierre. O senso prático. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

BRASIL. Lei n.º 11.769, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 19 ago. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-

2010/2008/Lei/L11769.htm. Acesso em: 18 out. 2024.

BUENO, Paula A. R.; BUENO, Roberto, E. Habitus Conservatorial entre Jovens Professores de Música no Paraná. In: Pereira, M. V. M. Habitus Conservatorial: das pesquisas às transformações das práticas. Juiz de Fora, MG: Pró-Música/UFJF, 2024. p. 199-223. Disponível em <<https://shorturl.at/nHMXM>> Acesso em: 05 dez. 2025.

CARMO, Raiana Maciel do; OLIVEIRA, Maria Clara Leite e. Desobediências epistêmicas nas atividades extracurriculares do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual de Montes Claros: relato de experiências a partir de opções decoloniais. In: ENCONTRO REGIONAL DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 2022. Anais. São Paulo: ABEM, 2022. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/anais_ernd/v5/papers/1393/public/1393-5497-1-PB.pdf>. Acesso em: 04 set. 2024.

COHON, João Casimiro Kahil; SANCHEZ, Leonardo Pellegrim; DEL PINO, Ramón. Apresentação do Dossiê: Música Enquanto Prática Decolonial. Proa: Revista de Antropologia e Arte, Campinas-SP, v. 10, n. 1, p. 9-17, jan./jun. 2020. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/proa/issue/view/886>>. Acesso em: 07 set. 2024.

CRUZ, Pâmela Barroso de Araújo; ALMEIDA, Jessica de. Traços de colonialidade em narrativas de licenciandas em Música: abordagens (auto)biográficas como ponte entre experiências de vida e formação. Orfeu, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 2-30, jun. 2023. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/33438/1/30%2B30-serie-paralaxe-5-RI.pdf#page=9>>. Acesso em: 04 set. 2024.

DA COSTA CUERVO, Luciane; RIGO, Rosa Maria. Pensamento Crítico na Formação de Professores de Música: andragogia mobilizada pelos cantos de tradição oral. Orfeu, 8.2: e0108-e0108. Disponível em <<https://periodicos.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/23964/16275>> Acesso em: 05 dez. 2025.

DE LIMA, Leticia Dias; SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. Currículo do curso de música e a formação do músico popular: um estado de conhecimento. Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 22, p. 341-358, 2021. DOI: 10.12957/teias.2021.53970. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/53970>>. Acesso em: 23 out. 2024.

MARQUES, Ana Carolina dos Santos; FONSECA, Ricardo Lopes. A construção de territórios por mulheres negras por meio do hip hop: Aproximações teóricas. Geografia em Atos (Online), 2020, 1.16: 20-44. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/view/7286>>. Acesso em: 07 set. 2024.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 66 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

REIS, Marlene Barbosa de Freitas; JUNQUEIRA, Lilian de Castro. A contribuição do repertório da música popular brasileira e das músicas regionais como uma metodologia significativa e emancipatória na formação de pedagogos. Revista UFG, v. XVI, n. 18, p. 107-116, jun. 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/download/49893/24502>>. Acesso em: 07 set. 2024.

GREEN, Lucy. Ensino da música popular em si, para si mesma e para "outra" música: uma pesquisa atual em sala de aula. Revista da Abem, v. 20, n. 28, p. [61-80], 2012. Disponível em: <<https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/104/87>>. Acesso em: 08 set. 2024.

GREEN, Lucy. Music, gender, education. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GOMÉZ, Santiago; GROSGUÉL, Ramón. El giro decolonial: reflexiones para una

- diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007, p. 127-167.
- MARQUES, A. C. DOS S.; FONSECA, R. L. Os territórios das mulheres negras no rap por meio das batalhas de rima. *Caderno de Geografia*, v. 30, n. 61, p. 308, 4 abr. 2020. Disponível em: <<https://shorturl.at/yE3AI>>. Acesso em 09 set. 2024
- MIGNOLO, Walter D. *The darker side of western modernity: global futures, decolonial options*. Durham & London: Duke University Press, 2011.
- PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros. *Habitus Conservatorial: do conceito a uma agenda de pesquisa*. In: XXIII CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 23, 2013. Anais. Natal, ANPPOM, 2013. Disponível em: <https://www.anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2013/2019/public/2019-6839-1-PB.pdf>. Acesso em: 6 set. 2024.
- PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros. Possibilidades e desafios em música e na formação musical: a proposta de um giro decolonial. *Interlúdio*, v. 6, n. 10, p. 10-22, 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/330106042_Possibilidades_e_desafios_em_musica_e_na_formacao_musical_a_proposta_de_um_giro_decolonial>. Acesso em: 6 set. 2024.
- QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Traços de colonialidade na educação superior em música do Brasil: análises a partir de uma trajetória de epistemicídios musicais e exclusões. *Revista da ABEM*, 2017, 25.39. Disponível em: <<https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/726/501>> Acesso em: 09 set. 2024.
- QUEIROZ, L. R. S.; DANTAS, L. M. Colonialidade nos cursos de graduação em música popular no Brasil. In: XXV Congresso Nacional da Abem, 2021. Anais [...]. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v4/papers/1120/public/1120-3383-1-RV.pdf>. Acesso em: 2 set. 2024.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo et al. (Ed.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas*. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales= Conselho Latino-americano de Ciências Sociais, 2005. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4109238/mod_resource/content/1/12_Quijano.pdf>. Acesso em: 04 set. 2024.
- QUIJANO, Aníbal. Coloniality and modernity/rationality. *Cultural Studies*, v. 21, n. 2–3, p. 168–178, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/09502380601164353>>. Acesso em: 04 set. 2024.
- PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros; BARBOSA, Amanda Martins. Um currículo para o cultivo do músico popular profissional: uma análise da proposta da Bituca–Universidade de Música Popular. *Orfeu*, 9.1: e0202-e0202. Disponível em <<https://periodicos.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/25022/17137>> Acesso em: 05 dez. 2025.
- PURCINO, G.; PURCINO, D. Colonização na educação musical - uma análise do ensino de piano à luz da colonialidade. p. 1–17, out. 2023. Disponível em <https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2023/papers/1456/public/1456-7803-1-PB.pdf> Acesso em: 09 set. 2024
- REIS, M. B. de; JUNQUEIRA, L. de C. A contribuição do repertório da Música Popular Brasileira e das músicas regionais como metodologia significativa e emancipatória na formação de pedagogos. *Revista*

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.